

PADRE CONGO E A FORMULAÇÃO DO PRIMEIRO PLANO MISSIONÁRIO PARA A ÁFRICA CENTRAL NO SÉCULO XIX

Felipe de Lima França[1]

Resumo
O presente trabalho tem o objetivo de tornar público a reflexão sobre as contribuições de Padre Nicola Mazza para o estudo da História da África do século XIX. Ele ficou conhecido como Padre Congo pela aspiração missionária que sentia desde jovem e formulou o primeiro plano missionário destinado à África Central enviando missionários a partir de 1845 e mantendo com eles correspondências de grande relevância. É possível identificar uma outra mentalidade do padre fundador e dos missionários acerca da realidade *in locus* em comparação com o que foi escrito pelos pensadores contemporâneos, em especial o filósofo Hegel que ganhou mais notoriedade na época.

Palavras chaves: África Central. Igreja Católica. Missionários. Instituto Nicola Mazza.

Introdução

Padre Nicola Mazza (1790 - 1865), foi um padre italiano de Verona que sentiu desde jovem a aspiração em doar toda a sua vida em favor do Congo, por isso que ficou conhecido como Padre Congo (ou *Don Congo* no italiano). Sua história perde a alma caso não esteja vivo o seu amor pelo continente que se converteu concretamente em desejo missionário muito bem relatado em praticamente todos os seus escritos, cartas e, posteriormente comprovado, em todas as suas biografias.

Ele nunca chegou a pisar no solo africano por vários motivos de atuação em sua diocese, tais como ser professor de matemática no seminário, pertencer à academia de agronomia comércio e artes, ao conselho municipal, e tantas outras atividades que o prendiam na Itália, entretanto, sua inquietação o inspirou a mover peculiares iniciativas começando a trabalhar com os jovens pobres de sua região que com o passar do tempo desembocou na construção de um plano missionário

[1] Aluno da graduação do curso de História da Universidade Federal de Pernambuco e Pesquisador Júnior do Instituto de Estudos da África IEAF-UFPE. Email: felipe.mazzapx@gmail.com



inédito para a África Central com vários missionários, o primeira sendo enviado em 1845 que foi o Padre Ângelo Vinco e que será melhor falado mais adiante.

Seus missionários exploradores foram os primeiros europeus, ao que tudo indica, a entrarem na África Central no século XIX por meio do rio Nilo e de seus braços. Destacaram-se por uma formação não só sacerdotal e eclesial, mas também civil, visto que eles, além de padres, tinham estudado o árabe, tinham forte conhecimento das ciências naturais, principalmente a geografia, e nas ciências humanas com o destaque da linguística, antropologia e história, além de possuir um pouco de conhecimento de medicina. Após Pe. Ângelo Vinco, se destaca Pe. Giovanni Beltrame que era geógrafo e muito contribuiu no campo da geografia já na segunda expedição em 1854 e depois em 1857 com o envio do grupo. Ao todo foram oito missionários *mazzianos*[2], 7 padres e um leigo, que responderam ao carisma do fundador com generosidade e entrega total à missão.

Embora o termo 'missionário' pressuponha que o objetivo único seja de criar missões religiosas, os mazzianos não foram enviados apenas com esse ideal. A missão no projeto mazziano não aconteceu porque o longo período de preparação e reconhecimento do local não foi suficiente para garantir a sobrevivência dos europeus na África Central naquele período. De todos os enviados, apenas 3 sobreviveram e retornaram à Itália antes da morte do fundador.

Padre Congo morreu em 1865 e não viu seu projeto missionário ativo como queria; apenas um de seus missionários, Pe. Daniel Comboni, que com todas as dificuldades financeiras se colocou disponível para voltar, mas como não tinham mais recursos disponíveis, se desligou do instituto e fundou um instituto religioso próprio, masculino e feminino, para a África Central, que ficou conhecido como os Combonianos(as), e que até hoje atuam não só na África, mas estão espalhados em todo o mundo e inclusive no Brasil.

Pe. Daniel Comboni (1843 - 1881) se tornou o primeiro bispo da África Central e foi canonizado pela Igreja Católica em 1900, isso é, foi reconhecido de forma oficial sua santidade, comprovada por um longo processo de estudos acerca da vida, das virtudes e das obras realizadas. Assim, ele é o único missionário formado

[2] Nome dado aos religiosos do Instituto de Padre Mazza, tais como Franciscanos para os religiosos de Francisco de Assis, Agostiniano para os religiosos da Ordem de Santo Agostinho ou incontáveis exemplos de ordens, congregações, institutos, comunidades que são identificados pelo nome do fundador.



no instituto de Padre Mazza que é conhecido na Historiografia. No Brasil a professora Patrícia Teixeira, da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, trabalhou com Comboni em sua tese de mestrado de 2002 com o título *Dom Comboni: profeta na África e Santo no Brasil*.

Sua vida e suas cartas são fontes riquíssimas de estudos acerca da África Central do século XIX, entretanto, sua aspiração missionária não surge do nada, é antes de tudo fruto da sólida formação que recebeu enquanto seminarista em Verona sob responsabilidade do padre Congo, das cartas que Pe. Ângelo Vinco enviava desde a África e de sua visita surpresa que fez à Itália em 1849 onde motivou não só Comboni, mas também outros seminaristas como o Giovanni Beltrame e Ângelo Melotto que também escreveram muito quando foram enviados depois de suas ordenações sacerdotais.

Como São Daniel Comboni foi e ainda continua sendo o único a ser trabalhado pela historiografia, há toda uma história com importantes personagens que o antecederam e que continuam inexplorados no estudo da África Central do século XIX, a começar pelo próprio Pe. Mazza que foi um homem de grande reverência no norte italiano, conseguiu falar e escrever acerca do tema para muitas pessoas sendo uma ponte entre seus missionários e a Itália.

Ele que mantinha o contato intenso com seus missionários, não guardava para si as notícias. Escrevia também para toda a Itália, desde o papa, cardeais, prefeitura, academia de agronomia comércio e artes e até mesmo às majestades imperiais. É claro que o conteúdo dessas cartas são no todo inédito para a historiografia, visto que apenas uma parte do material foi mais trabalhado numa perspectiva religiosa do que historiográfica, sem sair muito dos arquivos internos da Pia Sociedade de Padre Nicola Mazza, nome oficial hoje do instituto religioso que abriga a formação sacerdotal e que surgiu como fruto do que fundado por padre Congo em 1833 já que alguns meninos livremente escolheram seguir a vocação sacerdotal. Os religiosos contam com quatro casas na Itália (Verona, Aveza, Padova e Roma) e três no Brasil (João Pessoa/PB, Olinda/PE e Paulista/PE).

O trabalho de conhecer todo o material histórico desse plano missionário ainda se encontra em fase inicial, mas mesmo assim já se consegue apresentar uma provocação acerca desses documentos que foram catalogados em Verona pelo



sacerdote mazziano Romeu Camponogara e ficaram disponíveis para consulta a partir de 10 de março de 1990.

Dessas cartas, algumas foram traduzidas para o português por outro padre italiano e historiador que foi missionário mazziano no Brasil de 1991 a 2012, Domenico Romani, publicadas em 2012 com a intenção de melhor trabalhar o próprio carisma com os jovens seminaristas brasileiros do instituto. Uma outra parte já está em processo de tradução com o auxílio da revisão dos próprios religiosos mazzianos em conexão Brasil-Itália.

O conteúdo é inédito porque estou sendo o primeiro brasileiro a ter contato com esse material que muito tem a contribuir com a história da África Central e da mentalidade que se construiu dos africanos em geral no século XIX, confrontando a visão de Padre Mazza e dos seus missionário com a visão contemporânea da África e de pensadores como Hegel.

Padre Nicola Mazza e os Institutos

Para entender o projeto missionário e a sua composição, é necessário resumir as principais obras e projetos que o próprio padre Mazza fundou na Itália, especialmente em Verona, e de como essas ideias desembocaram no que ele chamou de Instituto Fundamental das missões em colaboração com dois Institutos que nasceram antes, Instituto Masculino e o Instituto Feminino, utilizando das próprias cartas enviadas por ele com o objetivo de apresentar e às vezes solicitar apoio financeiro às pessoas que tinham um pouco mais de recursos.

Para compreender o Instituto Feminino, fundado em 1828-29 com 17 meninas e que se fixava na Rua Cantarane do bairro de São Carlos em Verona, é possível achar um breve relatório de muitos, entregue à Delegação Provincial, órgão governamental do Império Austríaco, que funcionava para fiscalizar as instituições que atuavam na educação e na assistência enviando questionários dos quais resultavam em relatórios a serem entregues (ROMANI, 2007, p. 9). No breve relatório abaixo se encontra o objetivo na sua obra feminina, datado em 13 de dezembro de 1833:

> Acolhe as meninas inocentes em perigo, ou que não têm nem podem ter outra abrigo para conservar a sua inocência e honestidade: por isso ele não recebe nenhum daquelas que podem ser recolhidas ou



> por público ou por particular estabelecimento, ou por qualquer que seja pessoa; ele mantém-nas com alimentos e vestuário.
> Anote-se: nenhuma menina é recebida se não só ela, mas outrossim seus pais ou tutores não estejam plenamente descontentes. Não se retém nenhuma quando ela mesma se mostrasse insatisfeita de ficar, ou os pais ou tutores dela desejam tê-la de volta.[3]

Esse breve relatório é um exemplo de sete, sendo esse o primeiro, descrevendo o regimento para jovens que correspondessem a essas características necessárias como a pobreza, a inocência, a honestidade, a livre vontade e a satisfação.

Já o Instituto Masculino é possível compreender através de outro relatório preparado e oferecido ao Imperador Fernando I, junto com a esposa Maria Ana Carolina Pia, que visitaram em 1838 a região do Lombardo-Vêneto após a sua coroação, que se deu em 6 de setembro em Milão, como imperador também dessa região italiana. O objetivo do relatório era oferecer aos hóspedes reais uma apresentação de tudo aquilo que o Padre Mazza havia fundado e estava mantendo, e por isso ele recebeu uma medalha de ouro com colar[4] (ROMANI, 2007, p. 18)

> [Instituto masculino] acolhe unicamente os meninos de ótimo engenho, e de singular capacidade igual atitude para uma bela arte, os quais não seriam educados por falta de meios, mas que tenho também bom caráter e moralidade.
> [Padre Mazza] pretende criá-los, segundo a inclinação e atitudes deles. Se a atitude é para uma bela arte, cada ensino procura torná-los perfeitos nela, propiciando-lhe os melhores mestres, e enviando-os até as Academias mais renomadas, como já hoje um deles se encontra na casa de Veneza, estudando pintura[5].
> Todos os outros completam os estudos. Alcançada a maior idade, eles ficam livres na escolha da profissão; por aqueles que querem enfrentar a carreira da Universidade, se organiza ali uma casa[6], filha do Instituto, em que tomam conta deles alguns membros do próprio Instituto.
> A educação fica acompanhada até, por toda parte, seja concluída. Se, porém, durante a educação, o progresso nos estudos na

[3] N. Mazza, *Scritti*, Mazziana, Verona 2000, p.317.
[4] Domenico Romeni explica que Pe. Mazza comentou do jeito dele a honraria: “Botem mesmo rédeas de ouro no burro…, sempre burro fica”. A medalha recebeu particular respaldo na saga mazziana, porque o seu destino foi de várias idas e voltas para o Banco dos penhores à procura de empréstimos urgentes. Cf. L. Gaiga, *A grande aventura de padre Nícola*. Bagaço, Recife 2007, pp. 56-57.
[5] É o jovem Antônio Marini, que ficava hospedado na casa de Pe. Nicola Girardi, amigo de Pe. Mazza (ROMANI, 2007, p. 20).
[6] Os primeiros dois estudantes universitários, João Batista Pallavicini e Agostinho Turrina serão hospedados em Pádua (na cidade de Verona não havia Faculdade), a partir de 1839 na Rua Ognissanti n. 2477, sob a assistência do seminarista Tiago Tomasi (ROMANI, 2007, p. 20).



> alcançasse o ótimo, ou desviasse da moralidade, em qualquer tempo se encontrassem, serão devolvidos às suas famílias, porque com este acordo eles foram aceitos.[7]

Já é possível perceber a orientação que o padre dava aos seus dois institutos no final dessa primeira década, podendo encontrar semelhanças entre as duas atividades que estão voltadas para os mais pobres que não tinham condições de se formarem tanto na via particular ou pública, garantindo uma formação sólida não só religiosa, mas sobretudo civil porque para ele era impossível separar a Igreja e a Sociedade. O objetivo não era criar institutos religiosos para formar freiras e padres, mas oferecer a quem não tinha condições a educação adequada de acordo com o talento de cada um, levando em consideração a falta de meios econômicos, a moralidade e a boa índole, a inocência, o progresso nos estudos e a livre vontade.

O Instituto Masculino, as vocações sacerdotais e a missão

É preciso ter claro que o objetivo dessas duas obras não visava a formação de religiosos, mas foram surgindo jovens que sentiram o chamado de se colocarem disponíveis oferecendo suas vidas a exemplo do fundador e assim começou uma sensibilidade para discernir a vocação religiosa dos jovens. Em uma de suas cartas endereçada ao cônego Aristace Azarian, Abade dos Mequitaristas, datada de 18 de agosto de 1844, é possível descobrir um breve resumo de todos os institutos, aparecendo a vocação religiosa que surge dos seus próprios alunos

> [...] E, mesmo tendo eu dado sempre eles plena liberdade na escolha dos estudos e do estado de vida, os dois escolheram a vida sacerdotal e agora são os meus primeiros companheiros em tudo aquilo que eu vou fazendo[8]. Foram chamados a ensinar no Seminário Episcopal de Verona, o primeiro línguas orientais e Sagradas Escrituras, o segundo Direito Canônico.
> [...] Não se recebe nenhum jovem se antes o pai ou tutor não se comprometer em deixá-lo no instituto mais quatro anos após ter terminado o estudo teológico, se ele escolher o sacerdócio;nestes quatros anos ele deve se dedicar com muito empenho e como método determinado aos estudos que a um sacerdote são indispensáveis, se treinando no mesmo tempo no ministério sacerdotal. Depois desse período podem sair e se colocar ao serviço do Bispo naquela ministérios que são úteis para sua diocese, podendo o Bispo dispor deles como dispõe dos outros. Destes tenho

[7] Mazza, *Scritti*, pp. 331-332.
[8]



> agora trinta e seis: nove deles já se ordenaram e os outros vinte e sete são ainda seminaristas[9].

Romani ao comentar essa carta brevemente, apresenta como "o documento mais importante sobre as suas obras educativas antes que se orientasse às Missões na África Central. Escrito como uma pequena história, ilumina sobre as motivações, as finalidades, as dúvidas e as várias decisões tomadas no decorrer das décadas dos 20 aos 40" (2007, p. 23).

Essa carta ao cônego é muito importante e seria interessante refletir em um outro momento porque, de fato, é uma espécie de resumo de tudo aquilo que foi feito, desde a entrada do padre Mazza ao seminário, relatando que sempre sentiu uma inquietação que o fizesse se colocar à serviço da Igreja e da Sociedade. É uma carta onde é possível ter contato com uma realidade de atividades e colaborações que marcam o itinerário feito antes do envio do primeiro missionário à África Central, apresentado à Propaganda Fidei de Roma em 1845, que foi Padre Ângelo Vinco.

> O subscrito há vários anos começou a recolher os jovens pobres dotados de boa inteligência, boa índole, e ótimos costumes, que por falta de meios para a educação acabariam perdendo o fruto do dom de de que os honrou a Divina Providência. Procurei dar-lhes por isso uma completa educação, deixando-os nessa percorrer o caminho ao qual se sentem, ou por vocação de Deus ou por natureza, inclinados.
> Agora o remetente encontra entre os seus alunos que abraçaram o estado eclesiástico, alguns que se sentem chamados a espalhar a fé de Cristo entre os infiéis[10]. Por sábios prudentes e piedosos homens, fiz exame a vocação mais clara de um destes, e a aprovaram.
> Eis, Eminência, a intenção do meu pedido. Eu não tenho meios para encaminhar o espírito e a vocação dele. Se à Vossa Eminência agradar aceitá-lo de graça aí na Propaganda de Roma, ele poderia, instruído por Ela, e mais bem experimentado, poderia - eu digo - alcançar a finalidade desse seu Divino chamado.
> O jovem Padre de Verona é Ângelo Vinco, de 26 anos, e é por ele que eu peço a graça; é sacerdote desde o ano passado, e já antes tinha cursado ordenada e honradamente os cursos literários, filosóficos e teológicos no nosso Seminário veronese; sempre se mostrou de espírito eclesiástico também quando leigo; sempre é e foi de saúde sadia e robusta.
> Confio, eminência, poder alcançar essa graça; antes, me parece que a Divina Providência me vem assim abrindo o caminho para outros meus alunos, em cujos corações parece que Deus faça penetrar

[9] Mazza, *Scritti*, pp. 341-349; cf. pp. 22-24
[10]



> algumas faíscas de fogo semelhante, e que talvez possam aparecer claras e reluzentes[11].

Essa carta é endereçada ao Prefeito da Propaganda Fidei de Roma, o cardeal Filipe Tiago Fransoni, datada em 29 de agosto de 1845 com o objetivo de apresentar a vocação missionária de Pe. Ângelo Vinco à Instituição oficial que preparava missionários e os enviavam de acordo com a disponibilidade que cada um se colocava. As correspondências entre Padre Mazza e o cardeal Fransoni eram recorrentes sempre tendo como assunto questões ligadas às missões na África Central e as vocações missionárias que saiam do Instituto de Verona.

O destino da África central foi obra do acaso porque o papa Gregório XVI, apelidado de papa das missões, instituiu em 1846 o Vicariato da África Central que incluía um território de cerca de cinco milhões de quilômetros quadrados. Até a data da criação desse vicariato, Vinco estava destinado à Índia. Era a Propaganda Fidei a responsável de propagar a notícia, recrutar e preparar missionários para tal intento, a notícia chega em Verona e foi assim que o primeiro missionário mazziano abriu caminho para outros, anos posteriores (GAIGA, 2007, pp. 80 - 81).

Quando se fala no Vicariato da África Central as pesquisas mais consistentes que se conhecem iniciam a partir da nomeação do primeiro bispo para essa região, Daniel Comboni, que também era mazziano e sua vocação missionária foi fruto da experiência de Padre Ângelo Vinco tanto por causa das cartas que ele escrevia quanto pela visita surpresa feita a Verona com a intenção de prover doações financeiras para a manutenção da ação na recente região do vicariato. O futuro bispo era seminarista quando o primeiro missionário foi enviado, e enquanto padre, fez parte do grupo enviado do plano missionário em seu nível de maturidade mais elevado, em 1857, juntamente com outros padres mazzianos e um leigo.

Como bispo, Daniel Comboni pode estruturar um novo instituto voltado para as missões no Vicariato a ele confiado, tanto masculino como feminino, que ficou conhecido como os padres e irmãos combonianos e as religiosas freiras que ficaram conhecidas também como combonianas. Hoje esses dois institutos estão espalhados pelo mundo inteiro, inclusive no Brasil, e conseguiram desenvolver uma

[11] MAZZA, Scritti, pp. 25-26.



ação de permanência não só naquela determinada região, mas em todo o continente.

Usar esse marco é delicado porque acaba não levando em consideração a própria origem da vocação de Comboni, escanteando a relevância de Padre Mazza, dos seus institutos e das vocações que surgiram disponíveis para a África e que o antecederam enquanto vocacionado à missão africana.

A Pia Sociedade de Padre Mazza, as fontes e os documentos

Não se pode esquecer que o próprio padre Mazza, seus institutos, seu plano missionário e seus documentos ficaram desconhecidos pela Historiografia até o primeiro centenário de sua morte, em 1965, que a partir daí os próprios religiosos do Instituto na Itália decidiram estruturar todos os documentos com a intenção de abrir oficialmente o processo de canonização de seu fundador junto à Congregação para os Santos em Roma. Só assim, depois de um longo trabalho, que em 1990 foram publicados em Verona os primeiros volumes dos documentos, as primeiros bibliografias oficiais, os primeiros trabalhos, e com isso foi possível iniciar, embora lentamente, uma busca por conhecer mais de perto o que estava guardado. Essa é a realidade do material do “Instituto Masculino” que está mais adiantado do que o Instituto Feminino que sobrevive até hoje, mas ainda se encontra com uma parte dos seus documentos desse período desconhecidos até para elas; certamente há muitas cartas, relatórios e escritos, documentos riquíssimos, que ainda estão guardados da mesma forma como estavam da ala masculina antes do centenário do fundador.

Outra hipótese para que esses documentos permanecessem tanto tempo desconhecidos é que a Pia Sociedade de Padre Nícola Mazza sempre foi um instituto religioso pequeno com poucos padres e muitas ocupações que o carisma exigiu ao longo da história. A congregação hoje não chega a 40 padres e as vocações na Itália atualmente cessaram a ponto de ser o Brasil a esperança, porque diferente de lá, aqui tem jovens seminaristas em processo formativo.

Outra questão importante é o idioma que todo o documento original está escrito, o italiano, e é necessário ter domínio da língua porque o pouco que foi traduzido não satisfaz a pesquisa na sua totalidade. Os diários de viagem, por exemplo. do Pe. Ângelo Vinco está todo em italiano e é de uma riqueza enorme



porque ele detalha os lugares por onde passou, os povos que conheceu, os costumes, os nomes das etnias, como é o caso dos Baris.

Apenas três livros estão traduzidos para o português; o primeiro é uma pequena bibliografia escrita por Lourenço Gaiga com o título *A Grande aventura de Padre Nicola* (2007), traduções de algumas poucas cartas do próprio padre Mazza com breves comentários de Domenico Romani organizadas e intituladas de *Ser Sociedade Sermos Igreja* (2007) e, por fim, a tradução completa das *Notas históricas sobre a missão africana conforme o plano de padre Nicola Mazza, sacerdote de Verona, desde o começo até o mês de Abril de 1859* (2007) escritas por três missionário na África, Padre João Beltrame, Padre Daniel Comboni e Padre Ângelo Melotto.

Todos esses três livros são usados na formação interna específica dos seminaristas mazzianos, com mais intensidade na etapa do noviciado que é a preparação para a Primeira Profissão Religiosa com os votos de castidade, pobreza e obediência ingressando temporariamente no instituto religioso e recebendo o título de irmão, renovando a cada ano até chegar a Profissão Perpétua dos mesmos votos onde o religioso é aceito definitivamente na congregação. Após isso o candidato segue a preparação para o sacerdócio.

Por fim, a última hipótese que contribuiu para que padre Mazza e os seus institutos fossem quase desconhecidos no Brasil é que a missão nas terras brasileiras completou recentemente 40 anos de atividades, estando presente apenas em João Pessoa e em Pernambuco, totalizando apenas sete padres brasileiros, dos quais três estão exercendo seus ministérios sacerdotais como diocesanos.

Notas históricas sobre a missão africana conforme o plano de padre Nicola Mazza, sacerdote de Verona, desde o começo até o mês de Abril de 1859

O Cardeal Crescenzio Sepe[12], que foi Prefeito da *Propaganda Fidei,* ao escrever o prefácio da última biografia publicada sobre Pe. Mazza por Rino Cona[13], aponta para um trabalho onde praticamente metade da obra é dedicada a falar do

[12] Cardeal italiano arcebispo de Nápoles. Nascido em 1943, ordenado padre em 1967, nomeado bispo em 1992 e sagrado pelo próprio papa João Paulo II, nomeado cardeal em 2001 e foi prefeito da *Propaganda Fidei* de 2001 à 2006. Após essa data, foi nomeado pelo papa Bento XVI arcebispo de Nápoles na Itália, sua função atualmente.
[13] *Nicola Mazza: un prete per la Chiesa e la Società* (2006).



caso missionário na África Central, da formulação do plano missionário. Reconhece Mazza como uma figura que merece atenção quando se refere às contribuições no campo missionário do século XIX porque seus missionários podem e devem ser considerados no nível dos melhores exploradores da época, principalmente o precursor Ângelo Vinco, Giovanni [podendo ser traduzido para João] Beltrame e Daniel Comboni. Embora tenha o nome de plano missionário, a evangelização foi longa e paciente que parecia não trazer muitas conversões no ínicio; puderam ser acolhidos com respeito pelas populações e isso permitiu que eles se dedicassem a escrever e organizar as anotações sobre o ambiente geográfico e antropológico, contribuições que para hoje são preciosas. A primeira tarefa deles era de aprender os idiomas locais e anotá-los, cuidando da gramática e do dicionário, descrevendo cuidadosamente costumes e tradições porque a fé deveria ser proposta na linguagem dos ouvintes (CRESCENZIO CARD. SEPE, 2006, pp. 5-7).

O presente artigo não tem o objetivo de tratar de todos os documentos porque seria impossível, mas apresentar algumas palavras dos próprios missionários onde é possível tocar numa outra leitura que foi feita, com muita discrepância se comparadas àquilo que é escrito por Hegel, por exemplo, ao se tratar dos africanos.

Embora seja Ângelo Vinco o primeiro missionário tendo uma importância enorme para todos os outros que se colocaram disponíveis a partir para a missão, apresento abaixo o proêmio completo das Notas Históricas sobre a missão escrita pelos três missionários em 1859, Pe. João Beltrame, Pe. Ângelo Melotto e Pe. Daniel Comboni. Eles se encontravam na Estação missionária de Santa Cruz, no atual Sudão, no braço ocidental do Rio Nilo, chamado de Rio Branco ou Nilo Branco, enquanto o braço oriental é chamado de Azul.

> Nós três, sacerdotes e missionários do Instituto de Padre Nicola Mazza, nos achamos na estação dos Missionários alemães no Rio Branco, na tribo do Chies para estudar a língua daquele povo. Era nosso costume conversar junto sobre a missão que pretendíamos fundar de acordo com o plano do nosso fundador e superior de Verona e sobretudo refletir sobre as muitas e graves dificuldades que iríamos encontrar. Nestas conversas procurávamos nos animar para o difícil empreendimento e crescer na confiança de que a misericórdia de Deus não iria recusar nosso humilde obra para conversão dos negros. Um dos motivos que nos animava a ter esperança era o seguinte “Será possível que tantos esforços do nosso ótimo pai fracassem? Será possível que o projeto que ele concebeu e amadureceu com tamanha sabedoria e que foi de várias



> maneiras abençoado pela Providência Divina não obtenha nenhum bom resultado?" E nisso nos lembrávamos o passado, trazíamos a memória e considerávamos os acontecimentos que nos pareciam ter mais favorecido a preparação e o aperfeiçoamento do dito projeto. Aconteceu o que, enquanto estávamos refletindo sobre isso, padre João Beltrame, nosso superior aqui, teve a ideia de que seria muito coisa bonita se colocássemos por escrito a crônica destes acontecimentos, para levá-los ao conhecimento de todos.
> Gostamos muito desta ideia e decidimos realizá-la logo fazendo com que o Instituto tivesse como que a história da nossa missão. Deste jeito, refletindo sobre a maneira como o plano foi pensado e realizado, todo mundo teria motivo para louvar a Providência, que tanto colaborou nisso tudo. Além do mais, aqueles que se achassem chamados para participar da realização deste plano teria com isso motivo para aumentar a coragem. Portanto nós iremos contar fatos de que nós mesmos participamos ou que o nosso superior nos contou várias vezes. Ele os colocava como prova de que neste plano ele não tinha mérito algum, sendo que ele só tinha entrado no caminho e obedecido às indicações que a Providência vinha lhe mostrando, porque só dela é que ele recebia todas as coisas.
> Desses acontecimentos, alguns estão ligados mais ao Instituto do que à própria missão; nós os colocamos quando eles, pela estreita ligação entre Instituto e a missão, influenciam também a missão. E não iremos omitir fatos que possam parecer contrários à missão ou ao Instituto e que tenha mais impedido do que favorecido o sucesso, que pensamos que uma obra que consiga resistir e crescer apesar de grandes dificuldades dá a prova de que foi sabiamente planejada e fornecida de bons alicerces, como é prova de firmeza de um prédio o fato que ele permanece inabalável e não cede à fúria dos ventos ou em ímpeto das Águas.

Os próprios missionários sentem necessidade de escrever a história da própria missão e fazem uma espécie de resumo de todo o processo e itinerário que deu origem a essa experiência missionária para que todos conhecessem. O documento é longo e possui quatro partes relatando desde a preparação remota até os preparativos mais imediatos e o começo da missão.

É claro que estando em solo africano e mesmo programando tudo da melhor forma possível antes de partir para a missão, a realidade *in locus* não se deixa ser apreendida por essa questão. Por isso é preciso ter claro que eles estão dentro de uma experiência pessoal do padre fundador fecunda de novas vocações que pisaram em terras longínquas e desconhecidas. A missão não era algo improvisado, mas estava dentro de uma história e conhecê-la é necessário para se sentir dentro desse plano e não perder de vista o objetivo que agora se concretizava estando já em em solo africano.



Essa história é peculiar porque os missionários não foram batizar, não foram ensinar o Latim, não foram condenar as diversas práticas e os diversos costumes da pluralidade dos povos africanos e nem foram celebrar missas para multidões. Foram segundo a sensibilidade do carisma mazziano e aprenderam a olhar os talentos dos jovens pobres que se perderiam se não tivessem uma educação capaz de desenvolver os dons de cada um. Não se pode esquecer que os alunos dos institutos fizeram essa experiência, como já foi apresentado, e os padres estavam dentro dessa realidade.

A história da missão era importante para que eles não se esquecessem da própria história pessoal interpretando-a como uma realidade espiritual capaz de identificar a mão da Divina Providência que unia essas histórias dentro de uma realidade maior e que tinha uma finalidade específica. Era possível encontrar nos jovens africanos, por exemplo, a própria história pessoal de cada religioso.

A própria intenção da missão e a influência causada pelos institutos diz muito acerca da natureza dessa plano missionário. Os institutos educativos já foram realidades inéditas para a época porque tinha o objetivo de garantir a educação dos mais pobres diferente de outras congregações que eram confiadas a educação dos filhos da elite. Com essa sensibilidade, os missionários frutos dessa experiência, buscavam encontrar um lugar para que esse projeto educativo também fosse levado à África e esse era o projeto do fundador.

Do envio do primeiro missionário em 1845 até o envio do grupo missionário com a intenção já madura em 1857 há um intervalo de tempo de separação de 13 anos onde o fundador discerniu sua marca específica para a atuação missionário de seus religiosos na África. O investimento humano de padres foi alto e quando precisou interromper esse objetivo, em 1862, apenas 3 padres sobreviveram e voltaram à Itália.

Diferentes de outras congregações e outras missões, tanta na África como no resto do mundo, o projeto missionário mazziano tinha uma intenção de “salvar” a África pela África por meio de uma perspectiva educativa, que Comboni, ao se desligar do instituto e após a morte de Padre Mazza irá assumir grande parte em sua atuação voltando para a missão do vicariato da África Central e sendo nomeado depois o primeiro bispo dessa região canônica.



Com a visita de Vinco em 1849 e recebendo informações importantes de sua experiência como missionário, Padre Mazza começa a maturar melhor a ideia de como aproveitar os negros dentro dos seus institutos. Adiciona como estudo obrigatório para os seminaristas as Línguas Orientais que se tornariam um instrumento eficiente na comunicação com as diversas etnias vindas da África por meio da exploração de recursos humanos com a escravização dos africanos.

O processo para ter uma boa formação missionária como mazziano não era levar e propagar o Latim, mas aprender as línguas orientais e assim ter mais facilidade com as diversas línguas locais de diversas etnias. Um exemplo é a gramática feita pelo missionário padre Beltrame dos povos Denkas.

Com o comércio de negros, Padre Mazza tem a ideia de começar a comprar e levá-los para seus institutos e ali propor um itinerário formativo dentro da lógica e do plano missionário que ele estava formulando e maturando. Um dos principais objetivos era desenvolver a língua apenas falada em língua também escrita, e ensiná-los a escrever a própria língua. Nesse contexto histórico específico da Itália, a ideia e a iniciativa chega a ser desconfortável demais até para alguns de seus padres, causando alguns desligamentos de sacerdotes filhos do instituto e colaboradores dele na administração e direção das obras.

A ideia da missão começa a ganhar força quando ajudando os negros escravizados abre a possibilidade deles mesmos, retornando ao seu lugar de origem, levar também ajuda ao seu povo. Essa característica também inaugura o protagonismo dos africanos dentro do projeto da missão mazziana porque serão eles que salvarão a África dessa mentalidade que estava sendo aceita no século XIX, que legitimou o neocolonialismo e imperialismo, e disso surge a ideia de *Salvar a África pela África*.

Referências

BELTRAME, João; MELOTTO, Ângelo; COMBONI, Daniel. *Notas históricas sobre a missão africana conforme o plano de padre Nicola Mazza, sacerdote de Verona, desde o começo até o mês de abril de 1859.* Paulista, PE: Casa da Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza, 2014.

CONA, Rino *Nicola Mazza: un prete per la chiesa e la società.* Verona, IT: Casa Editrice Mazziana, 2006.



GAIGA, Lorenzo. *A grande aventura de padre Nicola I* tradução de Domingos Romani. Recife, PE: Bagaço, 2007.

HERNANDEZ, Leila. *O olhar imperial e a invenção da África. A África na sala de aula: visita à história contemporânea.* 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

ROMANI, Domingos. *Nicola Mazza: ser sociedade, sermos igreja* / textos selecionados e comentados por Domingos Romani. Olinda, PE: Babecco, 2012.

SANTOS, Patrícia Teixeira. *Comboni: profeta na África e santo no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad, 2002.